

**FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA
REDE DE ENSINO DOCTUM**

ABIQUEILA DA ROCHA FERREIRA

DENIZE GONÇALVES PEREIRA

MAXIELLY AZEVEDO ROSA SANTOS

**NOVOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: CONHECENDO SUAS ESPECIFICIDADES**

SERRA - ES

2013

ABIQUEILA DA ROCHA FERREIRA
DENIZE GONÇALVES PEREIRA
MAXIELLY AZEVEDO ROSA SANTOS

**NOVOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
CONHECENDO SUAS ESPECIFICIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Pedagogia Comunitária da Serra-Rede de Ensino Doctum como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador (a): Professor(a) Ms. Dorcas Rodrigues Silva de Recamán

SERRA - ES

2013

ABIQUEILA DA ROCHA FERREIRA
DENIZE GONÇALVES PEREIRA
MAXIELLY AZEVEDO ROSA SANTOS

**NOVOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONHECENDO
SUAS ESPECIFICIDADES**

Monografia apresentada à Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra - Rede de Ensino Doctum como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 04 de Novembro de 2013.

BANCA COMPOSTA PELOS PROFESSORES:

PROF.^a M^a. DORCAS RODRIGUES SILVA DE RECAMÁN

PROF. DR^o. EDUARDO VIANNA GAUDIO

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter realizado em nossas vidas suas promessas, dando-nos condições de conquistar o sonho tão almejado. As nossas mães que por intermédio de Deus nos concedeu o dom da vida. Aos nossos mestres que durante todo o curso se dedicaram na orientação e incentivo aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Abiqueila da Rocha Ferreira

Agradeço primeiramente à Deus todo poderoso por ter fortalecido e iluminado meu caminhar até aqui, suprimindo todas minhas necessidades. Aos meus pais Maria José e Edson que me incentivaram e apoiaram no ingresso à faculdade, estando-os sempre presentes, e ao meu noivo Mauro pelo amor, ajuda, apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis.

Denize Gonçalves Pereira

Agradeço a Deus todo soberano, por ter renovado suas misericórdias a cada dia em minha vida, me fortalecendo e iluminando o meu caminhar. A Beatriz, Geiza, Gislene, Celso (In Memória), pelo amor, incentivo, dedicação, apoio, e compreensão nos momentos tão importantes em que estive ausente. A todos os meus familiares e amigos que estiveram ao meu lado nos momentos bons e nos difíceis trazendo sempre uma palavra de carinho e incentivo.

Maxielly Azevedo Rosa Santos

A Deus, pelo seu amor e por que, mesmo sem que eu mereça, sempre tens feito infinitamente mais por mim. À minha mãe, Sabrina, aos meus avós Max e M^a Anunciada, pelo amor, carinho, confiança e constante incentivo. Aos meus irmãos. Ao meu namorado, Arthur, pelo amor, paciência e respeito, e a sua família, que me recebeu com todo o amor, minha sogra Andrezza, Dani e Vovó Nancy (In Memória).

As alunas

Agradecemos a nossa professora orientadora Dorcas Rodrigues Silva de Recamán, que em meio a tanta aflição e desespero nos ajudou a superar mais uma etapa, nos aconselhando em diversos momentos, sempre nos acalmando e orientando com todo amor e carinho.

LISTA DE SIGLAS

CEEA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CONAE – Conferência Nacional de Educação

CONFITEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

DCNS – Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IFES – Instituto Federal do Espírito Santo

INEP – Instituto Nacional de Educação Pedagógica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

PAS – Programa Alfabetização Solidária

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

PRONERA – Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária

SEA – Serviço de Educação de Adultos

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Quanto ao trabalho.....	50
GRÁFICO 2 - Quanto aos filhos.....	50
GRÁFICO 3 - A escolha pela Educação de Jovens Adultos.....	51
GRÁFICO 4 - Recursos da escola.....	51
GRÁFICO 5 - Quanto a permanência na Educação de Jovens Adultos.....	52
GRÁFICO 6 - Que os aconselhou?.....	52
GRÁFICO 7 - A modalidade com que melhor se identificam.....	53
GRÁFICO 8 - A razão pelo qual, não completaram seus estudos na modalidade apropriada à sua idade.....	53
GRÁFICO 9 - Relacionamento com os colegas de classe.....	54
GRÁFICO 10 - A disciplina que mais gostam.....	54
GRÁFICO 11 - A disciplina que menos gostam.....	55
GRÁFICO 12 - Quanto à reprovação.....	55

RESUMO

Aborda a Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa perspectiva histórica de lutas e superações, no que tange a busca por consolidação no campo das políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas. Atualmente, a presença de adolescentes nesta modalidade, representa um fenômeno que é observado desde os anos 1990. Desta maneira, a problemática “O que tem levado adolescentes a frequentarem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos?” Motivou-nos a delinear as especificidades destes novos sujeitos da EJA. Nesse sentido, o principal objetivo, consiste em investigar as causas que os induziram a ingressarem precocemente nesta modalidade. A pesquisa realizada a campo em uma escola estadual, nos permitiu, concluir que o ingresso desses adolescentes na EJA, se dá, não somente por causas isoladas, mas, se tornou evidente o descaso da educação por parte das políticas públicas no Brasil.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Adolescentes, Políticas Públicas.

ABSTRACT

Discusses Education for Youth and Adults (EJA), a historical perspective of struggles and overruns, regarding the search for consolidation in the field of public policy, teacher education and pedagogical practices. Currently, the presence of adolescents in this mode, is a phenomenon that is observed since the 1990s. Thus, the problem "What has led teens to attend the modality of Youth and Adult Education?" Has motivated us to outline the specifics of these new subjects of EJA. In this sense, the main objective is to investigate the causes that induced them to join early in this mode. The research conducted in the field in a state school, allowed us to conclude that the entry of these adolescents in EJA, occurs not only by individual causes, but it became apparent neglect of education by public policies in Brazil.

Keywords: Youth and Adult Education. Teens, Public Policy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS FINALIDADE.....	14
3 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	17
4 O PROCESSO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	22
5 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA EJA NA CONTEMPORANEIDADE.....	28
5.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	30
5.2 INOVAÇÕES DA POLÍTICA EDUCACIONAL DE JOVENS E ADULTO.....	31
6 PESQUISA DE CAMPO.....	33
6.1 A VISÃO DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA, MATEMÁTICA E DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA.....	34
6.2 O PROCESSO OBSERVADO NAS AULAS DE PORTUGUÊS, MATEMÁTICA E ARTES.....	41
6.3 A VISÃO DO ALUNO (A).....	50
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
8 REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS.....	61
APÊNDICES.....	63

1 INTRODUÇÃO

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) esteve, por muito tempo, associada a uma concepção moralista, estudiosos como Paulo Freire questiona que além da ideia de uma simples modalidade, os espaços da EJA, buscam resgatar e incluir, indivíduos críticos e cientes em seus direitos e deveres na sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que proporciona à sociedade, o direito previsto em Lei que assegura à população o acesso livre e gratuito às escolas da rede pública de ensino fundamental, para os alunos acima de quinze anos de idade, que não puderam frequentar o ensino regular no período adequado.

O tema que será tratado em nossa pesquisa é sobre o fenômeno juvenilização, na EJA. O interesse em abordar esse assunto sobre a EJA surgiu a partir do interesse pela disciplina que tivemos ao longo do nosso curso, e ao pesquisar sobre o que trataríamos a respeito da EJA nos deparamos com muitos educadores e pesquisadores que relatam sobre o rejuvenescimento da população que frequenta as turmas da EJA. Neste contexto, a EJA se tornou referência para os adolescentes que por diferentes razões, socioeconômicas e culturais, não puderam estar presentes no ensino apropriado à sua idade ideal.

Ao aprofundar nosso estudo, podemos observar fatores que desencadearam esse fenômeno da juvenilização, que segundo Brunel (2004, p.11) se evidencia na década de 90 no Brasil, pois foi dada voz a uma categoria marginalizada pelo censo por duas décadas. Porém, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) a idade limite para o ingresso, nessa modalidade de ensino, foi alterada de 18 para 15 anos para ensino fundamental e manteve 18 anos para ensino médio, fator determinante, para que os adolescentes recorressem às salas de EJA.

Assim, para esse novo público a EJA se torna válvula de escape para agilizar sua entrada no mercado de trabalho e uma forma de recuperar o tempo que fora perdido, principalmente, no caso dos alunos repetentes.

Para tanto, discutiremos ao longo desta pesquisa como poderemos nos preparar para esta atual realidade, que é vivenciada nas turmas da EJA, espaço este que historicamente foi destinado a um público de jovens e adultos. E como principal objetivo deste trabalho acadêmico, dar um parecer ao seguinte questionamento: **O que tem causado a procura destes adolescentes pela EJA?**

O objetivo deste estudo é investigar, dentro do contexto escolar educacional, as principais motivações que levam alunos a ingressarem precocemente na modalidade EJA. Conhecer as principais motivações da procura de alunos pela EJA, na faixa etária 15 a 26 anos; Compreender as consequências causadas pelo fenômeno “Juvenilização”, nas salas de aula da EJA.

O estudo do Ministério da Educação e Cultura (MEC) aponta que a repetência de 17,4% na 7ª série e 22,6% na 8ª série só não é maior devido ao aumento da evasão escolar. Em 2005, o Instituto Nacional de Educação Pedagógica (INEP) divulgou que a taxa de evasão cresce continuamente ao longo dessa etapa de Educação na 1ª série é de 1%, na 5ª, de 8,3%, e na 8ª, de 14,1%. (NOVA ESCOLA, 2011).

Sem se interessar pelo que a escola oferece, vários adolescentes deixam de frequentar as aulas e só tempos depois retornam, cientes da necessidade dos estudos. Além do currículo prescrito, a forma como ele é trabalhado provoca o desinteresse. Nessa perspectiva, frequentar a igreja ou assistir à televisão são atividades mais atraentes do que o conteúdo das disciplinas, sendo assim, adequar as aulas às necessidades dos alunos que têm mais de 15 anos e ainda estão no Ensino Fundamental, e não esperar que o contrário ocorra, é um desafio. (NOVA ESCOLA, 2011).

Por vezes, a clientela da EJA oriunda da atitude irresponsável de empurrar casos considerados problemáticos para essa modalidade. Dessa forma, os diretores buscam se livrar da indisciplina e evitar que os resultados da escola nas avaliações externas piorem o que impacta o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Um verdadeiro processo de higienização do Ensino Fundamental, que reconhece as turmas de EJA como algo menor e sem importância. Para superar o problema, é preciso investir em formação e conscientização dos gestores (NOVA ESCOLA, 2011).

Pois, muitos estudantes enfrentam problemas como a pobreza extrema, o uso de drogas, a exploração juvenil e a violência. A instabilidade na vida deles não permite que tenham a Educação como prioridade, o que os leva a abandonar a escola diversas vezes. Quando voltam, anos depois, só resta a EJA. (NOVA ESCOLA, 2011).

A necessidade de compor a renda familiar faz com que muitos alunos deixem o Ensino Fundamental regular antes de concluí-lo. O estudo “Jovens de Anos no Ensino Fundamental”, publicado no ano de 2011, na série Cadernos de Reflexões, do MEC, revela que 29% desse público que está matriculado do 1º ao 9º ano já exerce alguma atividade remunerada, sendo que 71% ganham menos que um salário mínimo. A dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho faz com que mudar para as turmas da EJA, sobretudo no período noturno, seja a única opção. (NOVA ESCOLA, 2011).

Também, a chegada do primeiro filho ainda na adolescência afasta muitos da sala de aula, principalmente as meninas, que abandonam os estudos para cuidarem dos bebês e, quando conseguem, retornam à escola tempos depois, para a EJA. Assim, não estudam com colegas bem mais novos e concluem o curso em um tempo menor. Segundo a Fundação Perseu Abramo, 20% dos meninos que largaram os estudos tiveram o primeiro filho antes dos 18 anos. Entre as mulheres, esse percentual é de quase 50%. Dessas, 13% se tornaram mães antes dos 15 anos, 15% aos 16 anos e 19% aos 17 anos. (NOVA ESCOLA, 2011).

Após a introdução deste primeiro capítulo veremos a seguir o segundo capítulo que retratará a discussão sobre as finalidades da Educação de Jovens e Adultos. O terceiro capítulo abordará a trajetória histórica da EJA. Em relação ao quarto capítulo, trataremos a respeito do processo metodológico da EJA. Sobre o quinto capítulo, nele serão discutidas as políticas públicas para EJA na contemporaneidade. No que diz respeito à pesquisa de campo, o capítulo seis preocupar-se-á do levantamento de dados, bem como os caminhos percorridos necessários ao levantamento dos mesmos. As considerações finais poderão ser encontradas no capítulo sete, pois percebemos que as políticas públicas voltadas para a EJA, ainda deixam a desejar.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS FINALIDADES

A EJA consiste em um desafio constante no processo educacional brasileiro, visto que essa modalidade tem sofrido descaso por parte do poder público, desde o início da sua história, no período colonial. Nesse sentido, nos propomos a buscar uma apropriação do que precisamos saber a respeito do tema, o que tem sido trabalhado nesse contexto, bem como o que é feito em prol desta prática educativa.

Ao longo do curso surgiram algumas indagações acerca da juvenilização da EJA, modalidade essa que fora criada com a finalidade de atender a um público mais adulto e aos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos num tempo oportuno, diante desta realidade veio também o estímulo e o esforço em nossas pesquisas acadêmicas para tentarmos desvendar a seguinte interrogativa: O que tem levado esses adolescentes para a EJA? Pois, segundo Gadotti e Romão (2001,p.119), “Educação de Jovens e Adultos amplia-se ao integrar processos educativos desenvolvidos em múltiplas dimensões: a do conhecimento, das práticas sociais, do trabalho, do confronto de problemas coletivos e da construção da cidadania”.

Contudo, podemos dizer que a EJA tem várias possibilidades, vai além do ato de alfabetizar – ensinar a ler e escrever, mas o de também, na maioria das vezes, resgatar a dignidade e a autoestima daquele sujeito que se via excluído e fora do convívio social devido o seu grau de conhecimento.

Para chegarmos à resposta inicial pela qual buscamos, é de suma importância entendermos o universo de mudanças de comportamento que esses jovens enfrentam, pois, segundo Herbert (2002, p. 71), a adolescência, como período de dramática transição, envolve muitas experiências singulares e novos desafios. Os adolescentes gostam dos dois extremos: a liberdade do adulto e a proteção da criança.

Talvez seja por isso, que esses jovens apresentem dificuldades em conciliar essa tal “liberdade” com seus compromissos do cotidiano e ainda se mantenham dependentes dos pais para lembrar, auxiliar ou ainda em alguns casos de realizar

suas tarefas básicas do dia a dia.

Outro aspecto dentre os vários percebidos, essencial, nesta fase pelos adolescentes é a recusa à escola, que de acordo com Herbert (2002), os jovens passam por medos e fobias, e destaca que o jovem que tem medo no seu grau mais extremo, ou seja, a ponto de ficar desesperado, acaba em virtude dessa insegurança se sentindo desanimado. E ainda em relação a essa resistência do ir ao colégio, apresenta sintomas físicos periódicos cuja causa adequada deixa de ser a descoberta e tende a sofrer alterações.

Diante desses fatos a família tem um papel de grandes ajudadores para esses adolescentes, que estão em constantes mudanças. HERBERT (2002, p. 71) orienta que:

Se os pais conseguem caminhar nesta corda bamba, este estágio da transição adolescente será emocionante para todos. Se permanecerem em contato com seus filhos adolescentes estarão em contato com as pessoas de modo geral, conservando, assim, flexíveis e jovens suas próprias ideias.

Nessa fase da vida esses indivíduos estão sempre a procura de resolver seus próprios conflitos, inerentes a adolescência, sendo assim, a autora Barros (2002, p. 23) afirma que todo jovem é considerado ainda adolescente enquanto, o mesmo, estiver centrado em solucionar os três problemas fundamentais da vida do ser humano, que são: problema profissional, problema sexual e o problema filosófico. A autora BARROS (2002, p. 23) enfatiza que a adolescência:

Em nossa cultura, a adolescência é considerada um período emocionalmente tumultuado e é a época em que os jovens buscam libertar-se dos pais, ao passo que eles desejam retardar tal libertação. Neste período, caracterizado também pelo grande desejo de ser aprovado pelos companheiros de grupo, o adolescente necessita de doses extras de apoio e compreensão, pois está sujeito a perturbações emocionais, a mudanças de humor e a rápidas variações na atenção.

Mas, precisamos fugir da generalização a respeito desses “jovens”, a fim de evitarmos comparar um sujeito com o outro só por conta da faixa etária, pois mesmo, na mesma condição de serem jovens, eles também possuem “culturas” distintas, e

que por tal influência, um pode passar por essa fase com mais “habilidades”, ou seja, com mais facilidade e harmonia que o outro. Segundo HERBERT (2002, p. 19) diz:

Para o leigo, a adolescência refere-se simplesmente ao processo de crescimento – o período de transição entre a infância e a idade adulta. Coincide grosseiramente com o período que vai dos 13 aos 19 anos, mas este período de desenvolvimento adolescente varia de cultura para cultura. No último meio século mais ou menos, nas sociedades ocidentais, a adolescência vem abrangendo período cada vez maior, refletindo, assim, os nossos confusos sentimentos para decidir quando, na lei ou no costume social, o jovem está crescido e responsável. Já tem idade para beber no bar, maturidade para movimentar conta bancária, permitir-se o ato sexual, casar, lutar pelo país, votar ou ser responsabilizado criminalmente.

Posto isto, entendemos que o período da adolescência está para além da idade preestabelecida e do desenvolvimento, mas esta fase apresenta variações quanto ao estilo de vida, cultura dos sujeitos (HERBERT, 2002).

3 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Durante o período colonial, em 1549, quase 50 anos após a descoberta do Brasil, se configura a prática educativa a cargo da religião predominante. Os jesuítas, como eram chamados os padres seguidores da companhia de Jesus, seguiam, conforme Ribeiro (1998, p.18), a nova política ditada por D. João III, referente à conversão dos indígenas à fé católica pela catequese e pela instrução.

Para Ribeiro (1998, p.18) em decorrência do estágio primitivo em que se encontravam as populações indígenas, a educação estava longe de escolarizar. Nessa mesma linha de pensamento Aranha (1996, p. 100) afirma que os jesuítas ao darem início ao trabalho educativo, enfrentaram sérios desafios para se adaptar às exigências locais, inclusive quanto à língua, fez-se necessário organizar as estruturas do ensino.

Os jesuítas aprendem a língua tupi-guarani e assim conseguem formular textos para a catequese, falavam a língua dos índios tão comumente, que o governo português, temeu que a língua pudesse se oficializar e exigiu que a única língua falada, fosse o português. Uma vez repreendidos, os padres voltam a falar o português o que gerou a necessidade de ensinar a língua portuguesa ao índio, para poderem alfabetizá-los. Haviam ensinamentos específicos redirecionados às crianças indígenas, Aranha (1996, p. 100) relata que:

Não conseguindo agir diretamente sobre os adultos, os padres conquistam os filhos dos índios, os curumins (também columins ou culumins). Inicialmente os curumins aprendem a ler e a escrever com os filhos dos colonos. Anchieta usa diversos recursos para atrair a atenção das crianças: teatro, música, poesia, diálogos em verso. Os meninos representam e dançam e, aos poucos, vão aprendendo a moral e a religião cristã.

Logo indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 259).

A Companhia de Jesus, após quase três séculos à frente da educação e das causas

da fé, levou Portugal a temer o poder econômico e político atribuído aos jesuítas, que passaram, então, a serem vistos como uma ameaça ao Governo. Em 1759, se encerram no Brasil as atividades da Companhia de Jesus, graças ao então ministro de Estado Marquês de Pombal, que os expulsou, afim de, conforme Ribeiro (1998, p. 30), recuperar a economia através de uma concentração do poder real e de modernizar a cultura portuguesa.

Sem a presença dos jesuítas o sistema educacional, até então estabelecido pela igreja católica, caiu em verdadeira desorganização, à partir desse momento a educação de jovens e adultos passou a ser responsabilidade do Império coube a ele à organização e emprego da educação.

A educação passou a ser privilégio da elite, que por sua vez restringiu o ensino a negros, índios e mulheres, para que o Estado atingisse seus objetivos econômicos, fazia-se necessário garantir ensino apenas aos filhos dos colonizadores portugueses, desde que fossem brancos e do sexo masculino. A luz de Strelhow (2010, p. 51) “a partir do ato constitucional de 1834, passa a ser dever das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, especialmente para jovens e adultos”.

Em 1891, apenas as pessoas com posses e que fossem alfabetizadas teriam direito ao voto, mais uma vez o governo deixa à margem a grande maioria da sociedade e a República brasileira cada vez mais distante da democracia. Apenas com a chegada do século XX, em meio ao estado de subdesenvolvimento que o Brasil se encontrava, o analfabetismo passa a ser visto como empecilho ao crescimento econômico brasileiro, sendo visto como uma praga a ser exterminada.

Na década de 1930, a era Vargas representou um período de reafirmação do dever do Estado para com a educação através nova Constituição de 1934 que novamente responsabilizava o setor público pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação, sendo assim: De acordo com Haddad; Di Pierro (2000, p. 110):

Foi somente ao final da década de 1940 que a educação de adultos veio a se firmar como um problema de política nacional, mas as condições para que isso viesse a ocorrer foram sendo instaladas já no período anterior. O Plano Nacional de Educação de responsabilidade da União, previsto pela Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário

integral gratuito e de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular.

O Instituto Nacional de Educação Pedagógica (INEP) é fundado em 1938, contribuiu para a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário, que por sua vez, após regulamentação, estabeleceu que 25% dos recursos de cada auxílio deveriam ser aplicados num plano geral de Ensino Supletivo destinado a adolescentes e adultos analfabetos (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111).

Na década de 1940 foi criado o Serviço de Educação de Adultos (SEA), para organizar o ensino para adolescentes e adultos analfabetos que se estendeu até o fim da década de 1950 com a denominação de Campanha de Educação de Adolescentes e adultos (CEEA), nesta época aconteceu também a realização da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. É importante lembrar que as pessoas analfabetas sofreram muito preconceito e chegaram a ser tratadas como crianças.

A década de 1950 caminhou pela discussão de um novo método pedagógico de caráter cultural popular, e é neste contexto que surge um dos maiores pedagogos do país, Paulo Freire (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113).

Nos anos 1960, os movimentos que procuravam reconhecer e valorizar o saber e a cultura popular são reprimidos com o Golpe Militar em 1964. Em 1967, o governo militar cria o movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL, um programa que tinha por meta promover o ensino apenas da leitura e escrita, comandado por um sistema central, o qual através de cartilhas oferecia a todos os mesmos ensinamentos, sem se preocupar com a variação de região para região. Esta tentativa de alfabetização encontrava-se totalmente contra a proposta de Freire, que por sua vez buscava fazer um levantamento da realidade do sujeito, em respeito à condição de vida e conhecimentos adquiridos por cada um. Ressaltamos que, mesmo com o Golpe de 64, sob a denominação de “Educação Popular”, diversas práticas educativas foram desenvolvidas em sigilo (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113 - 114).

Em 1978 estreia na Televisão Brasileira o Telecurso 2º Grau, uma ideia da

Fundação Roberto Marinho em convênio com o governo e outras instituições privadas. Posteriormente, em 1981, foi criado o Telecurso 1º grau (TELECURSO, 2011):

Acompanhando aos programas e comprando os fascículos que eram vendidos nas bancas, as pessoas podiam concluir os ensinamentos Fundamental e Médio – na época chamados de 1º e 2º graus. O diploma era conseguido por meio das provas aplicadas pelo próprio governo.

[...] Em 1995, foram criadas as salas de aula, em que o professor, mediador de aprendizagem, faz uso da Metodologia Telessala e que são equipadas com aparelhos de DVD/vídeo, TV, mapas, livros, dicionários e outros materiais didáticos. [...] Assim, o Telecurso deixou de ser apenas programa de televisão para virar política pública. Desde então, já foram implementadas cerca de 32 mil salas de aula no país, beneficiando cerca de 6 milhões de alunos.

[...] Em 2008, uma última mudança: o tradicional programa passou a ser chamado de Novo Telecurso. Naquele momento, ele passou a contar com as disciplinas que foram recentemente incluídas no currículo do Ensino Médio, como Filosofia, Artes Plásticas, Música, Teatro e Sociologia;

Atualmente, a denominação Novo Telecurso não é mais empregada, o programa passou a ser chamados de Telecurso.

Na década de 1980 foi aprovada a Lei de diretrizes e Bases (LDB), após 13 anos de espera. A LDB nº 9394/96 reforçou a nova constituição de 1988 que previa a todas as pessoas o acesso à educação (ARANHA, 1996). A Nova República rompeu simbolicamente com a política autoritária do Regime Militar com a extinção do MOBIL, substituída ainda em 1985 pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 119 - 120).

O início do Governo Fernando Collor na década de 90, marcou o fim da Fundação Educar. Outro acontecimento importante nesta década foi a institucionalização da modalidade Educação de Jovens e Adultos, antes denominado de Ensino Supletivo passa a ser chamada de EJA. Em 1997, já no governo de Fernando Henrique Cardoso, Haddad e Di Pierro (2000, p. 124) destacaram o Programa Alfabetização Solidária (PAS) idealizado pelo Ministério da Educação (MEC), mas que segundo as críticas, contribuiu para reforçar a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz, passível de adoção, de ajuda (STEPHANOU; BASTOS, 2000, p. 272).

Ainda em 1997, na Alemanha, aconteceu uma das mais importantes iniciativas da

história da EJA, a V Conferência Internacional de Educação de Adultos – CONFITEA que destacou essa modalidade com o tema: “Educação de Jovens e Adultos, a chave para o século XXI”. A CONFITEA desencadeou um processo de mobilização de diversos segmentos envolvidos com a EJA (SOARES; GIOVANETTI; GOMES, 2007, p. 281).

Em 1998 foi a vez do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA ofereceu alfabetização aos trabalhadores do meio rural. Em 2003, o Programa Brasil Alfabetizado foi lançado pelo governo federal, mas posteriormente precisou ser reformulado em 2004 devido a proposta fracassada de erradicar o analfabetismo em apenas 4 anos.

Percebemos que a trajetória histórica da EJA em nosso país sempre sofreu interferências do contexto histórico-sócio-político de cada época e na atualidade, a ênfase na educação de jovens e adultos é de grande relevância, mas será realmente de grande contribuição para nossa sociedade se o trabalho docente também estiver qualificado para essa modalidade de ensino.

4 O PROCESSO METODOLÓGICO DA EJA

Dentre as metodologias da educação de jovens e adultos, podemos destacar três propostas, que apesar de objetivarem a mesma finalidade apresentam didática distintas. São elas: O método Paulo Freire, o MOBRAL e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. O método Paulo Freire, segundo Aranha (1996, p. 208): “o método não pode ser reduzido à mera técnica de alfabetização. Nem os educadores seriam os “sábios”, que de antemão preparam o que deve ser impingindo ao educador”.

Com isso, podemos compreender que deve se evitar a homogeneização, das pessoas, pois as mesmas têm suas peculiaridades, nesse sentido, Freire se contrapôs a ideia predominante na época, de que um simples método seria facilmente aplicado a todos os alunos e estes que deveriam se adequar. Em contrapartida, Paulo Freire propôs uma teoria do conhecimento, onde a didática se adequaria a realidade de cada aluno. ARANHA (1996, p. 209) acrescenta que:

O método de Paulo Freire pretende superar a discordância entre teoria e prática: No processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber concluir que conhecer é interferir na realidade de curta forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detém seu monopólio.

Explicaremos, resumidamente, como Paulo Freire empregava seu método:

1º fase: Nesta fase se faz um levantamento do universo vocabular das pessoas a quem se destinará o ensino. Freire (1980, p. 42) relata que “não, só se retêm as palavras mais carregadas de sentido existencial, e, por causa disto as de maior conteúdo emocional, senão também as expressões típicas do povo: Formas de falar particulares palavras ligadas a experiência do profissional.” Essa investigação das palavras aconteciam através de encontros informais com atingidos durante esse contato, nos conta Freire (1980, p. 42) que as pessoas revelavam a ansiedades,

frustrações, desconfianças e também esperança, força e participação.

2º fase: Ocorre a escolha das palavras coletadas durante os encontros informais. Esta seleção deveria corresponder a três critérios, segundo Freire sendo:

A) Da riqueza silábica.

B) O das dificuldades fonéticas da língua, que devem estar postas em ordem crescente.

C) O do conteúdo prático das palavras, ou seja, buscar um maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato social, cultural, política. Para Freire (1980, p. 43):

A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a porcentagem mais alta de critérios sintáticos (possibilidade ou riqueza fonética, grau de dificuldade fonética complexa, possibilidade de manipulação de conjuntos de signos, de sílabas, semânticos maior ou menor intensidade de relação entre a palavra e o ser que designa), poder de conscientização que a palavra tem potencialmente, que a palavra tem potencialmente, ou conjunto de reações socioculturais que a palavra gera na pessoa ou no grupo que a utiliza.

3º fase: Criação de situações existências típicas do grupo algo, de acordo com Feitosa (1999, p. 32) são situações desafiadoras, codificadas e carregadas de elementos com a mediação do educador. São situações locais que discutidas abrem perspectivas para a análise de problemas regionais e nacionais.

4º fase: É quando são elaboradas as fichas relatórios que dão suporte aos coordenadores, de debate no seu trabalho. Essas fichas ajudaram aos coordenadores, mas sem que haja uma prescrição rígida a ser seguida.

5º fase: Elaboração de fichas que contém as palavras geradoras decompostas segundo a suas famílias fonéticas.

Uma vez elaborado o material, em forma de diapositivos¹ ou cartazes, constituídas

¹ Imagem estática, positiva, geralmente em cores, criada sobre uma base transparente usando meios fotoquímicos, e montado numa moldura para possibilitar sua projeção numa tela.

as equipes de supervisores e coordenadores, devidamente treinados nos debates relativos às situações já elaboradas, e de posse de suas fichas indicadoras, começa o trabalho efetivo de alfabetização, Freire (1990, p. 45).

Após nossas pesquisas podemos constatar que o método de Paulo Freire foi bem sucedido, contribuiu para história pedagógica de seu país e da América Latina. Promoveu através de sua concepção, de uma educação popular, uma ruptura radical com a educação elitista, assumiu assim um compromisso com a educação democrática.

Foi a interrupção da escolaridade do ensino, por causa do golpe militar de 1964, que determinou a prisão de Paulo Freire, que passou a viver exilado durante 14 anos. Durante o exílio de Freire no Chile, o mesmo, ficou conhecido e muito respeitado, contribuiu para a superação do analfabetismo, tornou o país umas das principais referências em Educação de Jovens e Adultos, diferentemente do ocorrido no Brasil, uma vez que o governo temia sua influência e a preocupação em tornar as pessoas letradas e críticas. Após o exílio de Freire, o governo militar criou em 1967 o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), uma campanha nacional que pretendeu a erradicação do analfabetismo no período de 10 anos. O método do MOBRAL, segundo Jannuzzi (1987, p. 59) é eclético, baseado na decomposição das PALAVRAS GERADORAS (...), “em técnicas de trabalho em grupo, em ajuda mútua e inserção comunitária”. Jannuzzi acrescenta ainda que:

O material didático é confeccionado por uma equipe central para ser usado em todo território nacional. É elaborado de modo que ofereça oportunidade ao aluno de caminhar no processo de alfabetização dentro das operações mentais de análise e síntese, isto é, dentro das técnicas analítico-sintéticas.

Diante disto, percebemos que o objetivo do MOBRAL vinha previamente definido pelo MOBRAL central, que escolhia as palavras geradoras para serem ensinadas nas diferentes regiões do Brasil, através de cartilhas ou livros, como um uniforme para todo o país. Portanto, apenas se importava que o sujeito aprendesse a ler e escrever, como investimento da preparação para a mão de obra no mercado de trabalho, sem qualquer preocupação maior com as necessidades distintas que cada

aluno de diferentes regiões possui para seu ensino-aprendizagem, e a formação do homem como integrante e participante da sociedade, sendo crítico reflexivo de suas ações. Jannuzzi (1987, p. 63) afirma:

É o método que mantém a nossa tradição: educador de um lado, o que tudo sabe, e educando, do outro lado, o que tudo ignora; educador que conduz e educando que é conduzido; elite que decide povo que deve ser conduzido. É a continuação de nossa tradição antidialógica.

Segundo Jannuzzi (1987), os princípios metodológicos fundamentais do MOBRAL eram: funcionalidade que exprime as necessidades e interesses de certa comunidade, e aceleração, rapidez no processo de aprendizagem. As técnicas de alfabetização eram feitas através de palavras geradoras escolhidas segundo as necessidades básicas do homem, por meio de um conjunto de vinte cartazes que eram complementados por cartões com palavras geradoras, sem a gravura que as representava. O aluno recebia a cartilha ou livro que aparecia a gravura da palavra geradora, a sua grafia, as famílias silábicas, algumas palavras formadas pela junção dos fonemas geradores. Com isso Jannuzzi (1987, p. 64 - 65) segue com as etapas, sendo elas:

- ✓ Apresentação do cartão com a palavra geradora no espaço em branco do cartaz, logo abaixo a figura que a representa.
- ✓ Relacionamento da palavra geradora com objeto que representa.
- ✓ Leitura em voz alta da palavra várias vezes.
- ✓ Escrita da palavra no quadro-negro.
- ✓ Decomposição da palavra geradora em sílabas.
- ✓ Escrita das sílabas no quadro-negro.
- ✓ Escrita das famílias silábicas que compõem a palavra geradora.
- ✓ Apresentação do quadro da descoberta que vem acompanhando o material didático.
- ✓ Leitura horizontal e vertical do quadro da descoberta.
- ✓ Formação de novas palavras.
- ✓ Decodificação de novas palavras.

Assim, repetia-se esse processo só que de maneira rápida, tendo como objetivo a fixação do que foi aprendido.

Podemos assimilar que o MOBRAL utilizava-se de elementos do método de Paulo Freire no sentido dos processos de análise e síntese, porém de uma forma deformada, sem partir de um diálogo e sem trazer o sujeito para a realidade de mundo em que vive, apenas preocupava-se com as exigências dos padrões estabelecidos pela elite.

Passado certo tempo, o MOBRAL foi extinto e logo substituído pela Educar (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos), porém na década de 1990 o presidente Fernando Collor de Melo em busca da diminuição das despesas, extingue a Fundação Educar.

Surgiram outros movimentos, um deles através do decreto 5.840 de 13 de julho de 2005, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA que foi implantado pela Rede Federal e também adotado pelas instituições de ensino Estaduais e Municipais. Ofereceu educação profissional técnica de nível médio com ensino médio, formação inicial e continuada com o ensino médio e formação inicial e continuada com ensino fundamental, ou seja, para pessoas que de alguma forma deixaram de concluir seus estudos na idade certa. Tendo como idade mínima de 18 anos para ingresso nesta modalidade de ensino.

O PROEJA teve como objetivo a formação humana, tendo acesso a diversos saberes, onde se proporcionaria compreender o mundo e nele ser atuante para melhoria em suas condições de vida e na construção de uma sociedade igualitária. Segundo o Documento-Base do PROEJA (2007, p. 11-12) a perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e além da qualificação do mercado ou para ele.

Ainda no Documento-Base PROEJA (2007) seus princípios são:

- ✓ Inclusão: Ao acesso de jovens e adultos que não finalizaram seus estudos na modalidade de educação básica.
- ✓ Inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos

sistemas educacionais públicos.

- ✓ Ampliação do direito à educação básica, pela universalização do ensino médio.
- ✓ Trabalho como princípio educativo: entendendo a relação do trabalho com o ensino.
- ✓ Pesquisa como fundamento da formação: onde se compreende melhor a realidade de mundo, gerando conhecimento e a autonomia intelectual dos educandos.
- ✓ Condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundamentos da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais.

Mediante o apresentado, o Documento-Base do PROEJA (2007) acrescenta que:

O currículo vai sendo elaborado de acordo com o perfil dos educandos, levando-se em consideração de que tratam-se de jovens e adultos que apesar de não terem obtido condições de concluir a escolarização na época esperada, possuem saberes e experiências de vida que necessitam ser considerado como conhecimentos relevantes no processo de ensino e aprendizagem. Também o currículo precisa estar adequado as demandas das diferentes regiões e instituições onde são ministrados os cursos do PROEJA.

Podemos então perceber que o PROEJA rompeu com os métodos curriculares tradicionais impostos, onde se levou em consideração para seu currículo a realidade do discente, valorizou sua bagagem e seu contexto social onde está inserido, trouxe a dinamização, a criatividade e o respeito às peculiaridades de todos através de uma formação integral. Desse modo, propôs aos educandos o desenvolvimento de sua autoestima de forma que se sentissem coparticipantes da construção da realidade e atuantes no mundo, onde se buscavam novos horizontes para a atuação no mercado de trabalho.

5 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA EJA NA CONTEMPORANEIDADE

As características do final do milênio, com o avanço tecnológico e a globalização da economia, indicam que a modernização depende da qualificação capaz de assegurar um desempenho elevado dos membros de qualquer sociedade. Nesta última década, as reflexões internacionais, a partir da Conferência Mundial sobre Educação para Todos (5 a 9 de março, 1990, Jomtien, Tailândia), inauguraram uma nova/velha tendência para EJA, considerada antes com um predomínio no discurso regulador das relações sociais, para um discurso pedagógico instrucional, ou seja, se constituiu no início de uma nova etapa cobradora de resultados. No que se refere às propostas neoliberais para EJA, estas se fazem sentir além do Brasil, na América Latina como um todo, que tem redimensionado sua atuação em Educação, segue rigorosamente as orientações dos organismos internacionais de financiamento, mais especificamente do Banco Mundial. Isto se torna cada vez mais evidente, na medida em que o discurso neoliberal reserva a esta modalidade de atendimento escolar, objetivos bastante definidos: Os de qualificar e requalificar mão-de-obra para atender às exigências do mercado capitalista.

Em 2003, O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a secretaria extraordinária de erradicação do Analfabetismo, cuja meta foi erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuirá com os órgãos públicos Estaduais e Municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvam ações de alfabetização. Nos últimos anos o analfabetismo tem diminuído no Brasil, apesar de contar com o programa Brasil Alfabetizado os resultados ainda são insatisfatórios, é necessário aprimorar os programas a fim de estimular e assegurar o exercício à nova cidadania, para isso, é importante que a União não permita a produção de analfabetos. E segundo Sampaio (2009, p.13) “Cabe ressaltar que, no alvorecer do século XXI, ainda não fomos capazes de estancar a reprodução do analfabetismo – basta observar o número de analfabetos. Este contingente é resultado do fracasso escolar recente no País”.

Ainda em discussão com os princípios legais, surge a LEI N° 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 que Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. No que tange a educação o Livro I - Parte Geral, Capítulo IV - do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, o Artigo 53 caput ECA, assegura que o Estado em si tem por obrigação garantir os direitos supracitados nos parágrafos abaixo:

Art. 53 - A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando lhes:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Fica evidente nesse artigo que as escolas têm que promover as condições favoráveis para que essa permanência ocorra, com vistas a seu pleno desenvolvimento como sujeito parte integrante da sociedade. E ainda acrescenta no Art.54 que:

É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:
I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador.

Ao analisarmos este artigo, vemos que independente do tempo que fora perdido por esses alunos, compete a eles o direito de recuperação do ensino e adequações quanto às suas condições necessárias. Segue ainda no artigo 56 que:

Art. 56 - Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:
I - maus-tratos envolvendo seus alunos;
II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;
III - elevados níveis de repetência.

Esse artigo é de suma importância, pois possibilita para a família e a escola uma comunhão que beneficiará um melhor acompanhamento no que diz respeito aos

alunos.

Art. 57 - O Poder Público estimulará, experiências e novas propostas relativas a calendário, serração, do currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos ensino fundamental obrigatório.

Art. 58 - No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Art. 59 - Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

Após melhor compreensão destes artigos, podemos então dizer que cabe ao Poder Público o incentivo, inserção, fiscalização de melhores condições do ensino que estimule e respeite as várias formas de expressões sócio-histórico-culturais.

5.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores da PROEJA, demandada para a construção adequada do perfil profissional, no momento histórico atual, requer que o docente desta modalidade de ensino, desenvolva a capacidade de integrar teoria e prática, de modo que supere a ideia de fragmentação do conhecimento. Para isto, se faz necessário ser capaz de articular os saberes: didáticos, técnicos específicos de cada área e de pesquisador como nos mostra Kuenzer (1999, p. 170).

[...] ser capaz de, apoiando-se nas ciências humanas, sociais e econômicas, compreender as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, construindo categorias de análise que lhe permitam apreender as dimensões pedagógicas presentes nas relações sociais e produtivas, de modo a identificar as novas demandas de educação e a que interesses elas se vinculam. Ou seja, compreender historicamente os processos de formação humana em suas articulações com a vida social e produtiva, as teorias e os processos pedagógicos, de modo a ser capaz de produzir conhecimento em educação e intervir de modo competente nos processos pedagógicos amplos e específicos, institucionais e não institucionais, com base em uma determinada concepção de sociedade.

Diante desse contexto, é preciso repensar imediatamente a formação dos professores que já atuam na Educação de Jovens e Adultos e na Educação Profissional. A falta de qualificação desses profissionais provoca graves problemas no que se referem à formação desses alunos, devido à inadequação do ensino às necessidades de aprendizagem dos educandos e a sua realidade social, fato que gera, assim, uma grande barreira à construção do conhecimento e à assimilação dos conteúdos, sendo um agravante, pois ocasiona altos índices de evasão no PROEJA.

Nesse sentido o Instituto Federal do Espírito Santo - IFES tem promovido meios de aperfeiçoamento de seus profissionais através de formações continuadas e oferta de cursos de pós-graduação presencial e a distância com foco na modalidade de Educação Profissional Tecnológica e Educação Profissional de Jovens e Adultos, o que proporciona crescimento intelectual dos debates e das discussões para a composição de um currículo mais coerente com a realidade dos jovens e adultos envolvidos nesse processo.

5.2 INOVAÇÕES DA POLÍTICA EDUCACIONAL DE JOVENS E ADULTOS

A EJA há muito é vista como uma oportunidade, uma segunda ou talvez última chance de estudo, essa visão precisa se desmistificada uma vez que a Educação é um direito de todos. Se continuarmos a enxergar a EJA como um subsídio do governo, estaremos afastando do Estado a sua responsabilidade de garantir algo que é nosso e está previsto em Lei.

Os sujeitos da EJA, principalmente esses adolescentes, são a prova viva de que sofreram, das mais variadas formas, a negação de seu direito de estar no ensino regular.

Deste modo, os profissionais da Educação precisam assumir que os únicos protagonistas da relação ensino-aprendizagem são os alunos. Oferecer oportunidades, acreditar no potencial do aluno, e mais, identificar a capacidade e talento que o próprio aluno talvez desconheça em si próprio.

Mesmo, sabendo-se que a história da EJA, como já demonstrado no primeiro capítulo desta pesquisa, esteve à margem da sociedade por um longo período da estruturação do sistema escolar. É preciso reconsiderar a imagem que se tem da EJA como reparadora e compensatória, visto que a educação é o direito de todos, é o que assegura a Constituição Federal de 1988, no Art. 205, pg. 134:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Gadotti, (2001, pg. 119-120) ressalta:

A EJA ultrapassa o âmbito das ações que se desenvolvem na escola, acontecendo nos movimentos sociais, como, por exemplo, nos sindicatos, associações de bairro, conselhos de moradores, comunidades eclesiais de base, movimentos dos sem-terra e comissões interinstitucionais de saúde, entre outras. Esta educação permite a compreensão da vida moderna em seus diferentes aspectos e o posicionamento crítico do indivíduo face à sua realidade. Deve, ainda, propiciar o acesso ao conhecimento socialmente produzido que é patrimônio da humanidade.

Uma vez que a Constituição de 1988 estabeleceu o direito de todos à educação, a LDB (Lei nº 9394/96) ratifica o seu cumprimento, ao estabelecer normas obrigatórias que garantem a formação básica comum, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs. A Lei mencionada determina então:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

A Educação vai além do âmbito escolar e perpassa toda a vida social-histórico-cultural do indivíduo como um todo, ou seja, por mais que o sujeito tenha deixado de frequentado um espaço escolar, ele possui uma bagagem de vida significativa.

6 PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa é de caráter exploratório e apresenta uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1998), relaciona-se com a realidade e não com a quantificação, preocupa-se com vários significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora ainda acrescenta, as metodologias de pesquisa qualitativas entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão de significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construção humana significativa (MINAYO, 1998, p.10).

Utilizamos na realização deste estudo também a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica se faz importante, pois coloca o pesquisador frente à realidade com o que já foi escrito e dito sobre determinado assunto, e permite ao cientista o reforço na análise de suas pesquisas. (LAKATOS e MARCONI, 2003). Esta pesquisa foi desenvolvida através de levantamento bibliográfico, análise documental e fomos também a campo, onde realizamos entrevistas, observações de aulas e questionários. O embasamento teórico foi obtido por meio de pesquisas bibliográficas em sites, livros, artigos científicos. Nossa trajetória metodológica consistiu em estudos baseados em documentos como objeto primordial, fossem revisões bibliográficas, pesquisas historiográficas, tentamos, portanto, extrair destes uma análise. Organizamos e interpretamos todo o material escolhido segundo o objetivo da investigação com vistas ao objeto central à produção escrita sobre EJA, bem como referências sócio históricas que influenciaram estas produções.

Através de nossas pesquisas teóricas, surgiu a necessidade de buscarmos possíveis respostas que nos permitissem conhecer as especificidades destes novos sujeitos constituintes da EJA.

Decidimos então, ir a campo. Foi escolhida uma escola estadual do município de Serra, localizada na região periférica, num bairro de alta periculosidade. O público atendido pela escola é de classe média baixa. A escola funciona nos três turnos e sua estrutura apresenta espaço amplo para lazer e esportes, quadra, bem como

refeitório, laboratório de informática e biblioteca. Fomos muito bem recebidas por todo o corpo docente que nos permitiu autonomia de observar as aulas ministradas, aplicar questionários aos alunos e entrevistas aos professores e pedagogo.

6.1 A VISÃO DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA, MATEMÁTICA E DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Através dessas entrevistas, fomos buscar na escola, o olhar de profissionais de diferentes formações e que estão inseridos no convívio diário com esses adolescentes, pelos quais buscamos averiguar o que os têm levado tão precocemente para a EJA. Para tais buscas, realizamos onze perguntas subjetivas, que seguem abaixo, onde os professores puderam relatar suas experiências cotidianas.

A partir daqui, se fez necessária a representação para que possam identificá-los. Remetermo-nos à professora de português como “A”, ao pedagogo como “B” e ao professor de matemática como “C”.

Professora de Português: Formada em Letras e Pedagogia, atua na 5ª e 6ª etapa da EJA, trabalha com essa modalidade desde 2005. Gosta de trabalhar na EJA devido à “mistura de alunos”. Pedagogo: É formado em Pedagogia, Letras (Português e Literatura), Direito, pós-graduado em Pedagogia, em Educação de Jovens e Adultos e em Ensino Religioso. Atua na EJA desde 2006 devido à vaga disponível. Professor de Matemática: É formado em engenharia, arquitetura, matemática, pós-graduado em gestor. Atua na EJA há 16 anos.

Ao serem questionados quanto aos critérios que utilizam na avaliação de seus alunos, os professores “A” e “C”, responderam que priorizam: “Desde a frequência, a participação e também por meio de atividades avaliativas”, e o Pedagogo “B” acrescenta: “Os professores são orientados por mim, a trabalhar com avaliação de início diagnóstica para identificar o nível de dificuldades dos alunos, daí pra frente trabalhar a avaliação todos os dias”. Percebemos que esses profissionais utilizam os

mesmos fundamentos pedagógicos para a avaliação dos sujeitos. Tendo em vista o que Freire (1987, p.84) sugere: a avaliação não deve ser o ato pelo qual A avalia B, e sim, o ato de A e B avaliarem juntos certa prática:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos-, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (Freire, 1987, p. 84)

Posto isto, o diálogo se faz fundamental na concepção de uma relação que se pretende pedagógica, e que crê na educação como prática da liberdade.

No intuito de saber o que estes profissionais priorizam na avaliação dos alunos, “A” e “B” afirmam respectivamente: “O que ele conseguiu aproveitar da matéria, o que ficou fixado, a aprendizagem. E retorno o conteúdo para ver se ficou fixado mesmo”, “Desenvolvimento de cálculos porcentagem, juros, montante, equações, expressões numéricas”. Quanto ao Pedagogo “B”, o mesmo afirmou: “É medido o nível de conhecimento, é levado também em conta, na EJA, a história de vida do aluno, também consideramos a bagagem de conhecimentos que eles trazem, tudo é aproveitado”. Dando ênfase a palavra do Pedagogo “B”.

Quanto ao planejamento das aulas e da maneira como ele acontece, “A” planeja: “No próprio ambiente de trabalho, horas antes de lecionar, geralmente com outra professora da mesma disciplina, de 17h30min às 18h20min e um pouco em casa”, o Professor “C” assim afirmou: “São predeterminados pelo livro da série, naturalmente dentro da realidade da sala de aula”. Nesta questão o Pedagogo “B” afirma que: “O planejamento acontece com os professores às 17h20min, fora desse horário o planejamento dos professores é individual, muitas vezes converso com os professores na minha sala, oriento ao professor como está a ministração de suas aulas, como está o planejamento dele, e eu sempre converso com os professores a respeito de estar trabalhando os planos de aula na mesma sala, porque tem aluno com grau de dificuldade bem diferente dos que estão mais avançados. Então não é justo você ficar trabalhando com o público mais avançado que já domina bem essa

disciplina, então é preciso que renove e faça dois planos de aula”. Neste contexto, Freire (2002, p.23-51) aponta que “Não existe docência sem discência. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, percebemos assim o quão se faz necessária uma ação participativa por parte do aluno e melhor organização quanto ao atendimento, visto que os mesmos possuem demandas diferenciadas em relação ao currículo da escola.

Quanto à indisciplina, perguntamos como lidam quando ela acontece durante as aulas, os professores “A” e “C” se posicionaram da seguinte maneira: “Sempre o dialogo, a base de qualquer coisa é o diálogo. É raro este comportamento, retirar um aluno de sala de aula”, “Na minha aula não tem bagunça, que eu não deixo aluno nem falar direito, eu fico falando igual um papagaio, eu fico dialogando o tempo inteiro, eu tento esclarecer a importância do desenvolvimento lógico”, e o Pedagogo “B” completa: “Juntamente com o coordenador a gente, retira o aluno de sala, e conversa com ele, é feito registro, se for menor convoca a família. Esta proposta que é trabalhada, apesar de que os alunos da EJA, não dão muito trabalho, dificilmente eles têm problema de indisciplina. Eles já perderam muito tempo, então aqui eles veem com fome de conteúdo, querendo aprender alguma coisa”. Verificamos com esta interrogativa, que nenhum dos três entrevistados relata o comportamento dos adolescentes em relação à indisciplina, como sendo um problema comum na EJA. O posicionamento do Pedagogo “B”: “Eles já perderam muito tempo”, é reafirmado na fala de Brunel (2001, p.128) que diz que eles “sentem a necessidade de recuperar o tempo perdido, mesmo que esse tempo seja de apenas dois ou três anos, pois eles precisam e desejam o quanto antes entrar no mercado de trabalho ou fazer um vestibular”.

Sendo assim, os adolescentes da EJA, buscam com certa urgência, ocupar lugar no mercado de trabalho, ou em alguns casos, na maioria deles, concluir os estudos a fim de iniciarem cursos técnicos ou superiores, à medida que percebem o quanto estão defasados em relação à escolaridade/idade.

Questionados sobre o que consideram ser, hoje, o maior desafio encontrado na EJA, afirmou “A”: “É a mistura de idade, atender a essa criticidade. A escola por saber que a EJA é diferente do ensino regular, o aluno é notado com flexibilidade em relação aos horários, todo o trabalho tem que ser feito em cima da disponibilidade do aluno”,

Pedagogo B diz que: “O maior desafio que agente pode estar colocando é segurar os alunos até às 22h20min na sala de aula, por causa da onda de violência que assola o bairro, os alunos estão com medo e deixando de assistir a última aula, foi até feito ofício a 3ª Companhia e recolhidas assinaturas para um abaixo assinado pedindo o policiamento ostensivo”, e “C” pontua: “Fazer o aluno que ficou anos sem estudar conseguir aprender sem tanta dificuldade, cinco anos já faz muita diferença”. Diante dos posicionamentos, podemos compreender que a visão do pedagogo “B” se distancia da realidade vivida por “A” e “C”, dando brecha a uma grande falha nas práticas pedagógicas. Em relação ao que disse a professora “A”, Ferrari e Amaral (2005, p.1) discorrem ainda que:

A Educação de Jovens e Adultos apresenta hoje uma identidade que a diferencia da escolarização regular e essa diferenciação não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade sócio-histórico-cultural. Os novos rumos da Educação Brasileira enfatizam a difusão dos valores de justiça social e dos pressupostos da democracia, do respeito à pluralidade fundados a crença na capacidade de cada cidadão ler e interpretar a realidade, conforme sua própria experiência, o que exige reorientar o olhar para propostas educativas que incluam o desenvolvimento da pessoa humana de forma integrada e completa, no atendimento de suas necessidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais.

A partir de agora, o aumento de adolescentes na EJA exigirá ainda mais, de maneira significativa, a reorganização do trabalho pedagógico nas escolas, bem como a sensibilização dos profissionais de EJA.

Indagamos sobre como os adolescentes, cada vez mais frequentes nesta modalidade, tem sido recebido. A professora “A” alega: “Não tem que receber diferente, é lei como está inserido a partir dos 15 anos, já estamos acostumados com este tipo de trabalho, acolher adolescentes como os demais”, e o Pedagogo “B” declara: “Esses alunos muitas das vezes migram para EJA, por causa de trabalho, e tem a portaria do Governo do Estado, que a partir dos 15 anos já pode entrar nessa modalidade de 5ª a 8ª, e são recebidos e tratados como manda as disciplinas da EJA, não é aquela carga de conteúdo como no ensino normal, é diferente, é um conteúdo mais resumido, onde o que deveriam fazer em um ano, fará em seis meses ou cinco meses”. E por fim o professor “C” diz: “Sempre receptivamente,

incentivando a finalização do curso”.

A partir da opinião de “A”, “B” e “C”, refletimos que não há um acolhimento pedagógico específico, para os adolescentes, que muitas vezes, identificam a EJA, como uma última saída à conclusão dos estudos. O aluno que já havia perdido o interesse nos estudos, não encontra na EJA, apoio suficiente para dar continuidade e ir em busca de uma melhor qualificação e colocação no mercado de trabalho. Assim esclarece Brunel (2004, p. 21) “É necessário (re)significarmos o lugar ‘simbólico’ destes alunos e superarmos o rótulo de fracassados que frequentemente a comunidade escolar os impõe, e retomar com eles sua posição de sujeitos no processo educativo”.

É preciso que os profissionais repensem a maneira como esses adolescentes estão sendo recebidos, as práticas educativas ganharão maior significado na vida desses sujeitos.

A questão a seguir, tratará de como a escola tenta, de maneira geral, resgatar a autoestima destes adolescentes e ampliar suas perspectivas de futuro, “A” expõe: “Busco incentivar. Temos observado, que por mais que nós tenhamos essa vontade de fazer algo diferente, prova disso, quando nós marcamos uma atividade extraclasse, a quantidade de alunos que recebemos aqui é muito pouco, infelizmente não só na modalidade EJA, como no ensino regular, a impressão que a gente tem enquanto professor é que eles só conhecem mesmo o que é quadro e pincel, passou disso acham que não é aula, o que torna para nós profissionais complicado, eles trabalham para reverter essa ideia”, o Pedagogo “B” acredita que: “Trazendo para eles palestras, sobre a importância dos estudos, mostrando as parafusagens de tecnologias que se fazem presente hoje no Brasil e que está exigindo muito do homem conhecimento e o mercado de trabalho que a cada dia que se passa vai cobrando, exigindo muito do homem conhecimento através dessas falas, a gente percebe que eles passam a valorizar mais o curso da EJA, às vezes saíam cedo agora ficam até as últimas aulas, é dessa forma que a gente tem trabalhado”. E o professor “C” argumenta: “Mostrar sempre que o mercado necessita de pessoas esforçadas e que queiram cada dia aprender com situações-problema”.

Partindo do pressuposto de que o adolescente, segundo “A”, se mostra

desinteressado, na visão de “B” e “C”, fazer do mercado de trabalho, um incentivo é uma forma eficaz de estimular estes novos sujeitos. Talvez sim, mas se percebermos o quão estes adolescentes se sentem distantes de um bom desempenho, até mesmo na própria sala de aula, quando eles mesmos se afirmam desinteressados, pode causar de certa maneira algo que vai muito além das frustrações pessoais, a busca por uma fonte de renda que não exija tanta qualificação e/ ou a desistência de seus estudos também na EJA, como nos alerta Brunel (2001, p. 59) que “[...] o papel do professor em todo este processo é complexo, pois muitos jovens se sentem perdidos diante da realidade atual no que se refere ao saber, em relação ao emprego e à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho”.

Em nossa investigação, sentimos necessidade em saber o modo como a escola se empenha em contribuir para evitar que este adolescente desista também desta modalidade, recebemos a seguinte resposta da professora “A”: “Eu busco mostrar para os alunos que a escola tem um papel muito importante, não só para preparar esse jovem para viver inserido em uma sociedade, mas também para o mercado de trabalho. Sempre procuramos mostrar lhes qual o profissional que as empresas têm buscado. Então em tudo a gente trabalha com eles desde a parte de limpeza até a aplicação de conteúdo. Tendo atividades diferenciadas que fogem um pouco à sala de aula, menos cansativas e repetitivas”. Assim para o Pedagogo “B”: “Ampliando a segurança para que eles fiquem mais tempo dentro da escola, por conta da violência, pois dentro de 40 dias, 8 alunos foram assaltados, e por isso estão temerosos, frequentemente alunos ao saírem de sala para o recreio, nos alertam ter toque de recolher no seu bairro, em determinados dias, o que fazem eles desistirem também é a questão de mudanças de local”. Quanto ao professor “C”, para ele: “O professor sempre deve adequar o seu conteúdo a realidade de vida dos alunos”. Mais uma vez “B”, apresenta um ponto de vista ofuscado, em relação a real necessidade do aluno da EJA. Quanto à “A” e “C” se torna clara a busca por criar a consciência nos alunos, de que eles precisam se qualificar. Veja, estamos falando de meninos e meninas de 15 anos de idade, e quanto aos sonhos, medos e inseguranças, nada é dito na entrevista sobre isso. Brunel diz que (2001, p. 38) “Reconhecer que esses jovens possuem capacidades individuais e criativas faz com que eles adquiram novamente um sentimento de pertença ao espaço escolar,

perdido na maioria das vezes, ao ingressarem” na EJA.

Por fim, pedimos que opinasse, o que para eles tem causado cada vez mais cedo a presença destes adolescentes nas turmas de EJA. Segundo a professora “A”: “O que tem causado a presença cada vez mais destes adolescentes na EJA, tem a ver com a idade do aluno, quando você tem aluno com idades não compatíveis com a série, acaba atrapalhando, atrapalha eles e atrapalha quem tem idade compatível. a escola dá prioridade em inserir esse aluno na modalidade EJA para ele conseguir terminar com menos tempo, para poder ingressar no mercado de trabalho o mais breve possível, e deixá-los com pessoas com a idade aproximada à deles”. E o Pedagogo “B” acrescenta: “É a repetência no regular, que causa a defasagem de idade, e nisso a família desses adolescentes começam a cobrar, e eles começam a trabalhar, e na medida em que eles começam a trabalhar, eles procuram estudar à noite, sabendo que aqui funciona a EJA, eles procuram nossa escola pra poder estudar à noite e trabalhar durante o dia pra poder ajudar a melhorar a renda da família, o principal motivo que leva esses adolescentes procurarem a EJA hoje é o mercado de trabalho”, já o professor “C” pontua: “Falta de apoio da família e as escolas sem estrutura para incentivar este aluno a pensar e buscar um futuro melhor”. Neste contexto surgem afirmações, que uma vez, pautadas pelos próprios profissionais deveriam se trabalhadas de maneira a contribuir com a real formação pretendida pela Educação de Jovens e Adultos. São adolescentes que, desde cedo, recebem cobranças por qualificação tanto dos familiares quanto da própria escola. Neste sentido, Brunel (2004, p.25) diz que:

O professor que trabalha na EJA precisa estar aberto para um ouvir mais personalizado. Levar em conta a idade do aluno, sua situação financeira, seus sonhos, seus medos, sua posição de filho (a), de neto (a), de pai, de mãe, de esposo (a) para poder compreender a sua fala.

Entender as especificidades desses sujeitos é algo muito complexo, que demanda não só do governo ações imediatas, mas da população em exigir e abraçar esta causa, este direito.

6.2 O PROCESSO OBSERVADO NAS AULAS DE PORTUGUÊS, MATEMÁTICA E ARTES

No processo de observação das aulas, obtivemos a oportunidade de analisar três turmas no contexto geral, onde trouxemos um breve relato de três aulas, a de português na sexta etapa, matemática na sétima etapa e artes na oitava etapa.

Durante as aulas de português na sexta etapa, nos deparamos com uma turma muito dispersa, principalmente os adolescentes, eles conversam fora de hora, com o colega, ouviam música, levaram jornal pra dentro de sala no momento da aula, e eram muito inquietos, agitados. Os mais velhos interagiam bem com a professora e dialogavam sobre temas do cotidiano.

Os mais jovens cometiam atos desrespeitosos em relação à professora, quando a mesma estava esclarecendo uma dúvida de um aluno interessado, neste caso de um adulto em idade mais avançada. Essas atitudes, nesta turma, geraram um conflito entre as duas fases etárias distintas. A metade desta turma é adolescente com idade entre 15 a 18 anos, e a outra metade com idade bem superior. Os mais novos, nessa observação, demonstraram falta interesse em participar da aula, pois deixavam de copiar do quadro, nem tiravam dúvidas. Com isso podemos perceber que a professora acabava atendendo o público mais velho da sala. A relação professor/aluno é boa, pois os mesmos a respeitam como pessoa e demonstravam cordialidade. Porém se mostram perdidos em relação à aula.

Às vezes os alunos mais velhos chamavam a atenção dos mais jovens, quando atrapalhavam a aula, mas percebemos que devido a suas diferenças de comportamento que é visível, os adultos ficam com um pouco de receio de causarem confusão e um conflito maior, pois já possuem certa experiência.

Durante a aula de matemática na sala da sétima etapa que foi no primeiro horário, pudemos perceber que os alunos começavam a chegar a partir das 19h30min horas, pois a maioria dessa turma vem direto do trabalho para a escola. Observamos que o professor antes de inserir os conteúdos, ele conversava de forma informal com os alunos, fazia uma introdução, e falava de outras experiências em outras escolas,

com isso conseguia a atenção da turma.

Durante a aula de matemática é dinâmico e flexível, aplicando sua disciplina e ao mesmo tempo mostrando a importância e a contribuição do conteúdo para a sociedade onde estão inseridos. Relatando também a grande relevância dos estudos na vida dos mesmos, mostrando-os as exigências para serem inseridos no mercado de trabalho. Mesmo diante de toda essa articulação por parte do discente, não fica difícil perceber o desinteresse que envolve esse público novo, aonde os mais velhos da sala chegam ao ponto de discutirem e de chamar a atenção deles para assistirem a aula.

Mediante a observação da sala da oitava etapa na aula de artes, percebemos que é composta por docentes adolescentes e jovens, não tendo nenhum adulto de idade avançada. Os adolescentes são dispersos, não se concentram muito, mesmo a professora de artes sendo inovadora e criativa em sua aula, trazendo para sala o data show, mostrando uma forma diferente de falar de arte, saindo da rotina da apostila, onde mostrou figuras sobre o pontilhismo que estão estudando pela apostila, porém mesmo assim fizeram brincadeiras com a matéria ministrada.

A sala da oitava etapa busca a atenção apenas para eles, sendo bem agitados e desinteressados com os conteúdos passados, onde a maioria nem copia o que é passado no quadro. O mais interessante é que os adolescentes que compõe a turma conseguem envolver grande parte da sala com eles para a bagunça, logo não havendo discussão entre eles e nem existindo os conflitos geracionais.

Diante disto, podemos perceber os conflitos geracionais, através dessa mistura de idades em uma sala de aula, onde, hora ambos se sentem parte desse lugar e hora, não. Porque existem momentos em que os adolescentes se sentem integrantes do lugar, por estarem em defasagem na idade no sistema de ensino regular e momentos que não, por sentirem-se excluídos ao serem advertidos pelos mais velhos ao se rebelarem. Já os mais velhos, sentem-se no seu lugar pelo fato da EJA ser criado para eles que não puderam completar seus estudos na idade adequada, por motivos de trabalho, distancia da escola, mas aos adolescentes responderem uma questão de matemática rápida, antes mesmo de eles conseguirem compreender a questão, não se sentem mais no lugar onde o mesmo foi criado para

eles.

Compreendemos a necessidade de fomentarmos a discussão sobre as questões apresentadas, nesse sentido entrevistamos a professora pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo, Edna Castro de Oliveira, a mesma nos revelou novos elementos a respeito dos questionamentos tecidos em nossa pesquisa. Fomos recebidas em sua sala, localizada no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA, no dia 14 de novembro de 2013.

Professora Dr.^a Edna Castro de Oliveira iniciou sua entrevista com uma breve introdução a respeito da forma como a sociedade se remete a Educação de Jovens e adultos:

A menção de “O EJA” e “A EJA”, a tensão entre estas duas formas de abordar a Educação de Jovens e Adultos, quando a gente se remete a Educação de Jovens e Adultos como “O EJA”, na minha leitura significa que ainda temos um resíduo forte, muito forte de uma mentalidade que considera talvez, elementos do Ensino Supletivo como sinônimo de EJA por muito tempo essa foi uma referência que o poder da 5692/71 acaba por produzir quando cria o Ensino Supletivo e aquilo acabou sendo internalizado na mentalidade e nas práticas na EJA, que estão convivendo nesse momento com uma conquista de termos na 9394/96 na LDB a EJA como modalidade básica.

E acrescenta:

O que se passa pela incorporação nossa da compreensão de que a educação de jovens e adultos é hoje uma modalidade de Educação Básica, conseqüentemente, ela não é mais algo que agente trata e concebe restrita a alfabetização, muito menos referida ao supletivo que tem na sua pratica ao longo desses anos todos se caracterizado por uma oferta aligeirada da EJA ou como forma de suprir uma escolarização que as pessoas não puderam ter acesso na chamada idade certa.

Dr.^a Edna Castro de Oliveira afirma que ao deixarmos de lado a ideia de que a EJA é sinônimo de suplência, estaremos compreendendo que Educação de Jovens e Adultos é e deve ser tratada como modalidade de Educação Básica, velada pelo Estado e compreendida como direito de todos, direito este que foi negligenciado há muito tempo atrás. Freire (1987) nos chama atenção sobre este descaso com a EJA,

assim ele chamou de “Oprimidos” àqueles que sofreram/sofrem com a opressão das classes dominantes. Encontramos em Freire (1987, p. 13):

Eis por que, em uma cultura letrada, aprende a ler e escrever, mas a intenção última com que o faz vai além da alfabetização. Atravessa e anima toda a empresa educativa, que não é senão aprendizagem permanente desse esforço de totalização – jamais acabada – através do qual o homem tenta abraçar-se inteiramente na plenitude de sua forma. É a própria dialética em que se existência o homem. Mas, para isto, para assumir responsabilmente sua missão de homem, há de aprender a dizer a sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o.

Afirma, frente as suas pesquisas que:

A ideia de suprimento da escolarização perdida vem da suplência como uma referencia, e ainda hoje ela nos acompanha em pleno momento em que o movimento da EJA vem trabalhando para conquistar e efetivar a ideia de uma política de EJA no país, e a consequente ideia de que, o que a LDB propõe e a conquista efetiva de modalidade assumida pelos estados e municípios não mais restrita a alfabetização, mas uma oferta que tem que atravessar o ensino fundamental e médio. Então eu sempre fico incomodada quando vejo alguém se remetendo a EJA como “O EJA”, porque pra mim indica que tem ai alguma coisa que ainda prevalece e que todo tempo tenciona a EJA como modalidade.

Após seu posicionamento, acerca da forma correta de se referir a EJA, iniciamos nossa entrevista com intuito de obter um posicionamento quanto à inserção dos adolescentes na EJA.

Nós perdemos a batalha da CONAE em 2010, o parecer que define a idade mínima é um retrocesso porque você institui a modalidade depois você incorpora a suplência novamente com os resqúcios da oferta, por que é aligeiramento. A ideia do mínimo ou da desqualificação da oferta é um retrocesso que está implícito na Lei, e a gente vem batalhando para essa perspectiva de que a formação humana integral demanda tempo, não pode ser ofertado em um ano e meio.

Após esta fala, a pesquisadora retoma:

O empurrão de Jovens adolescentes para a educação de Jovens e Adultos como de desresponsabilização às vezes das escolas que não conseguem dar conta da tarefa no diurno, como nós temos uma oferta de EJA muito concentrada ainda no noturno, que é outro problema, quando você fala de modalidade de EJA você tem que entender que essa oferta deve ser feita em qualquer turno, por que é direito do trabalhador ter acesso a escola em qualquer turno que seja mais favorável a ele a partir de seu horário de trabalho. Então como agente tem uma concentração ainda muito grande e os gestores ainda não tem essa clareza do que significa a modalidade faz com que muitas equipes pedagógicas façam esse movimento de higienizar o diurno encaminhando para o noturno todos os adolescentes que constituem problemas no diurno, chamado regular, mas nós entendemos que a EJA também é uma oferta regular.

Em suas pesquisas, Brunel conclui que fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais fazem com que muitos jovens procurem cada vez mais esta modalidade e a cada ano mais precocemente (BRUNEL, 2004, p. 19). Desta maneira, entendemos que conhecer as especificidades deste novo público demanda medidas eficazes, principalmente, no que diz respeito à qualificação dos profissionais e comprometimento do governo.

Sob essa concepção, se fez essencial adquirir o olhar da pesquisadora frente aos problemas sociais/familiares que mais influenciam esses adolescentes a deixarem de concluírem seus estudos no ensino regular na idade/tempo oportuno.

Do ponto de vista geral, uma das caracterizações desse grupo é que eles são jovens e adultos com uma especificidade que os distinguem dos demais jovens e adultos que, segundo a Marta Kohl, é uma especificidade fundamentalmente cultural em princípio, e outra característica é que são jovens e adultos trabalhadores, mas o que faz com que eles não consigam concluir? são pessoas que desde cedo muitas vezes forçados pela necessidade do trabalho ou como a renda de família, por exemplo, os jovens do campo, considerando as diferenciações de cada contexto, são jovens que sempre são apanhados pela colheita em pleno período de fluxo regular de oferta, a legislação diz que no campo o calendário deve observar, só que na verdade esse calendário não é observado, eu mesma já participei de acompanhamento de grupo, era uma família que frequentava aquela sala de aula e no tempo da colheita eles foram embora, todos mundo foi embora e aquela classe teve que fechar.

E prossegue:

Em princípio eu diria que o trabalho ainda é uma das razões que faz com que os jovens e adultos interrompam, sejam caracterizados por aquele grupo que tem um percurso de escolarização descontinuo. As razões não são poucas, mas uma das principais ainda tem o trabalho como referência. Gravidez precoce, o preconceito com a mulher, por que mulher não podia estudar então voltam depois que os filhos já cresceram, o próprio machismo brasileiro que diz que a mulher não pode sair pra estudar sozinha. A questão da medida judicial que o ministério público impõe à escola, tem muitos casos chegam a esse ponto, então a EJA tem que acolher eu diria até adolescentes de 12, 13 anos, chega ao ponto de você encontrar aberrações desse nível. A repetência que constitui o chamado fracasso escolar desses sujeitos repetidas vezes, que vai também criando em torno deles um estigma da inferioridade, incapacidade e que no final das contas acaba por desestimular e ele precisando inserir-se no mercado de trabalho procura a EJA.

No que abarca nossos valores culturais, a entrevistada discute as questões que intensificam nosso problema educacional, que segundo a mesma, compreende na exclusão dos menos favorecidos socialmente. As estudiosas Ferrari e Amaral (2005) denotam:

Numa sociedade como a nossa, cujo valor social dado à escola é muito grande, o fato de uma pessoa não ter estado na escola, numa fase que deveria de estar, é uma marca distintiva como a da pobreza, é característica da condição de subalternidade, da exclusão oriunda de suas raízes culturais, imposta pelo grupo dos letrados.

Em meio a este cenário histórico-cultural em que vivemos, foi crucial obter um parecer sobre as perspectivas desses adolescentes em relação ao seu futuro escolar.

De um modo geral as pesquisas de juventude hoje não dialogam muito com Educação de Jovens e Adultos, infelizmente nós temos aí uma lacuna. Em termos de integrar pesquisadores da juventude com os pesquisadores da EJA. Em termos de perspectiva o que nós vemos hoje no país são algumas evidências de quem pesquisa no campo da juventude, primeiro a considerar que não se pode falar juventude no singular, na EJA você tem “juventudes”, falar de juventude no singular é você homogeneizar os sujeitos.

No mais finaliza:

Jovem hoje na comunidade internacional é o limite de idade que vai de 18 a 29 anos, e ai com o rebaixamento para 15 anos, ai você pega 15 a 29 anos, ora, quem está em sala de aula, lidando com esses sujeitos, sabe muito bem que existe uma diferenciação muito grande. A cultura influencia muito e as perspectivas vão variar, do ponto vista de um jovem de classe média e ai você tem a moratória social que permite a esse jovem chegar aos 29 anos sem nunca ter trabalhado. Dependendo da condição social e cultural desses jovens eles mais cedo inseridos no trabalho precário no ponto de vista cronológico ele é jovem e no ponto de vista social ele é um jovem-adulto.

Esta diferenciação cultural, também já foi observada por Ferrari e Amaral (2005, p. 2):

Nesta fase de desenvolvimento, o jovem que se encontra no mercado de trabalho e lutando para garantir sua sobrevivência, apresenta características diferenciadas pelo contato imediato com a realidade social, daquele jovem universal, abstrato, que só responde às etapas biológicas de seu crescimento, representadas por um conjunto de transformações corporais e psicológicas entre a infância e a idade adulta, tipificadas como adolescência.

Cientes de que adolescentes e jovens que se encontram em meio a uma cultura popular, são inclusos muito cedo ao mercado de trabalho, buscamos saber o papel do professor na EJA, segundo a Dr.^a Edna Castro de Oliveira, enquanto fomentador, para que esses adolescentes não desistam dos estudos.

Não podemos negar que o professor é fundamental no movimento de acolhimento desses alunos, na relação pedagógica, na produção de uma relação de pertencimento aquele espaço, e a escola como esse lugar que é um lugar que eles gostam de estar, então isso é a mediação de um professor de EJA. Há uma exigência muito grande e expectativa em torno do papel do professor. Nós discutimos como podemos influenciar as licenciaturas, no envolvimento da formação de professores que passam a ter a EJA como um campo de trabalho.

Ao relatar sobre os professores que optam pelo campo da EJA, ela diz que:

Temos as licenciaturas que nunca ouviram falar o que é EJA, mas que estão lá dando aula muitas das vezes trabalhando naquela perspectiva bastante fragmentada de conhecimento e de uma relação pedagógica distanciada de tal maneira que o conhecimento não tem sentido. Os professores têm que buscar informação o tempo todo aí vem à questão da responsabilização da faculdade, que por sua vez, demanda também do Estado iniciativas no sentido de fortalecer esse quadro de professores. É um desafio encontrar um professor que responda as expectativas dos jovens e adultos nas redes públicas, é a questão da formação continuada.

Conceber a importante missão desse campo educacional é a principal ferramenta, como dito antes, além da formação escolar, à luz de Ferrari e Amaral (2005, p. 7) a EJA:

[...] Deve propiciar aos jovens uma análise crítica da estrutura social, administrativa e política, para acompanhar as mudanças sociais de seu tempo, a fim de que não fique alijado da vida real e deve ainda se responsabilizar pela sua formação integral, desenvolvendo uma postura ética, fundada em valores dignos de um cidadão comprometido com os problemas sociais vigentes em sua realidade.

Entender toda a trajetória de lutas e conquistas da EJA é primordial para que a respeitemos como uma modalidade de Educação Básica. Para finalizar solicitamos uma última fala, em relação ao que ela pensa da EJA, como tendo a finalidade de recuperar o tempo perdido, e que pensa sobre a qualidade de ensino.

Primeiro eu não vejo a EJA como recuperação de tempo perdido, isso é premissa, EJA é um direito fundamental do ser humano, de todo jovem e adulto acessar a escola e exercer o seu direito subjetivo de buscar formação dentro do tempo de disponibilidade em qualquer tempo que ele possa acessar.

Com isso, ela se posiciona da seguinte forma em relação à ideia sobre a EJA que precisa ser superada:

Se a gente consegue superar a mentalidade de que a EJA não é uma oportunidade do governo, não é uma caridade, EJA é um direito fundamental que precisa ser exercitado, não recuperação de tempo perdido, é dever do Estado, é uma modalidade regular que precisa ser ofertada de

forma regular, ou seja, oferta continua e não o que nós estamos constatando, os municípios no momento atual, estão fechando salas de EJA, fechando escola, estão nucleando as salas negando ao trabalhador a possibilidade de estudar próximo de suas casas e trabalhos acima de tudo a EJA como direito é uma luta que precisa ser travada permanentemente.

Dr.^a Edna Castro de Oliveira diz o seguinte:

Quanto à qualidade, o tempo todo agente vem trabalhando para mudar a mentalidade, por que enquanto ela está sendo vista como recuperação de tempo perdido o professor vai entender que qualquer coisa serve. A EJA sob um olhar empírico diz pra nós que ela tem sido ofertada como passatempo, qualquer coisa serve.

Mediante essa afirmação, ressalta a visão necessária no que diz respeito à qualidade do ensino da EJA, da seguinte forma:

Enquanto essa mentalidade perdurar a qualidade do ensino será a pior e os alunos vão entender que é mais fácil, e não é isso, a EJA que agente defende é uma EJA que prioriza a formação humana nas várias dimensões da vida, do trabalho, da cultura, da formação que integra o humano na sua complexidade, por isso o tempo tem que ser revisto e não acelerado, revista para fazer uma proposta que responda as demandas dos grupos para além da escola a EJA não está restrita a escola daí educação popular entra como um dos elementos que nos ajudam a ver e pensar esse movimento.

Ferrari e Amaral (2005, p. 7) acrescentam que a Educação de Jovens e Adultos é importante:

[...] enquanto organizadora de novas perspectivas para os alunos, tanto no sentido de satisfação da necessidade pessoal mais imediata, como aprender a ler e escrever para atender à demanda de uma sociedade letrada e garantir a própria sobrevivência, quanto para alargar gradativamente a perspectiva de cidadão, num sentido mais social, mais amplo, ao transformar sua necessidade pessoal de saber ler e escrever numa atividade de participação crítica da vida em sociedade.

O tópico a seguir tratará exclusivamente da visão do aluno, de como ele se sente na EJA.

6.3 A VISÃO DO ALUNO (A):

Diante das observações em sala, formulamos doze questões e aplicamos para todos os alunos que compõem a sala nas três turmas, dividindo as respostas dos alunos do Ensino Fundamental da EJA em dois grupos, o grupo 1 (alunos de 15 até 26 anos) e o grupo 2 (alunos acima de 27 anos), que nos proporcionou um quadro comparativo trazendo-nos uma amplitude maior da pesquisa.

1- Você Trabalha?



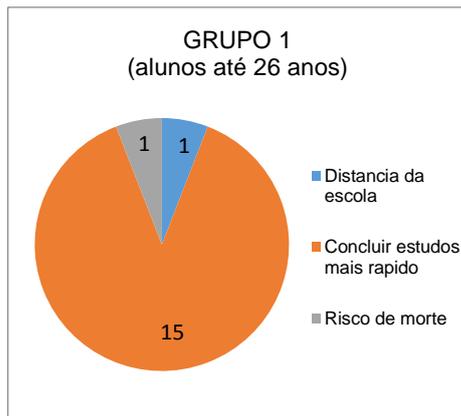
Estes dados confirmam que no primeiro grupo que representa os adolescentes o trabalho não tem sido fator principal pela busca por essa modalidade.

2- Você tem filhos?



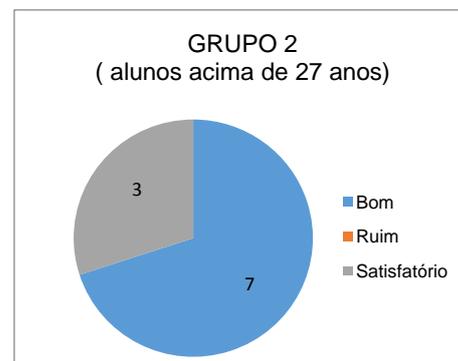
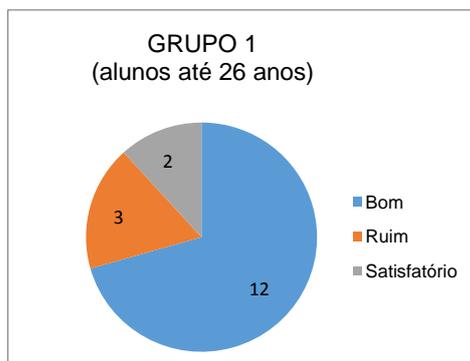
Na escola que foi pesquisada o grupo 1 apresenta a minoria sem filhos, o que nos leva a perceber que este também não é o motivo de sua entrada na EJA.

3- Se você já estudou no ensino básico regular, marque abaixo a opção que indique melhor a razão pela escolha de continuar seus estudos na EJA:



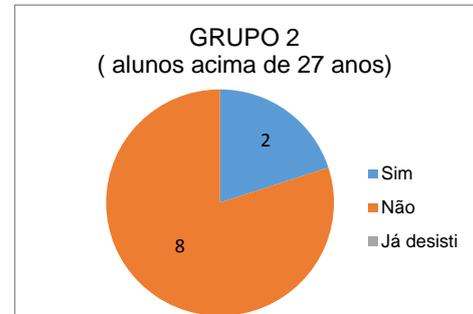
Ambos os grupos escolheram a EJA com o intuito de acelerar os estudos a fim de concluí-los mais rapidamente.

4- O que você acha do material usado em sala e dos recursos tecnológicos?



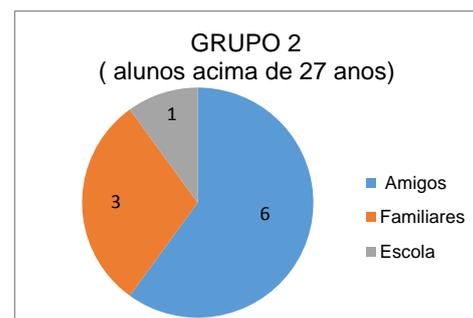
Os dois grupos consideram bons os recursos tecnológicos disponíveis na escola.

5- Já pensou em também desistir de estudar na EJA?



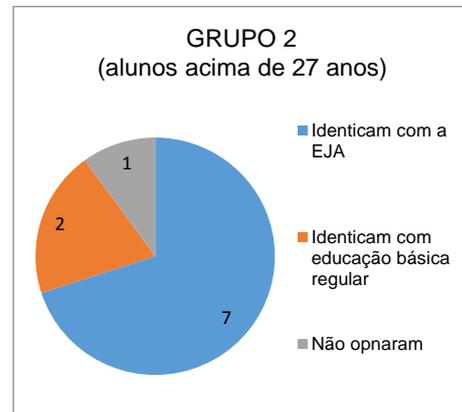
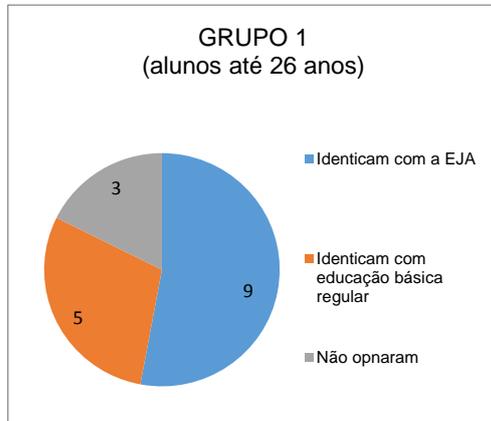
Neste gráfico é evidenciado que os mais novos pensam mais em desistir da EJA, mais do que os mais velhos, motivo este que é devido pela falta de maturidade nesta fase etária.

6- Quem te aconselhou a estudar na EJA?



Neste caso do grupo 1, a família se mostrou o maior incentivador da EJA, já no caso grupo 2 o maior incentivador são os amigos.

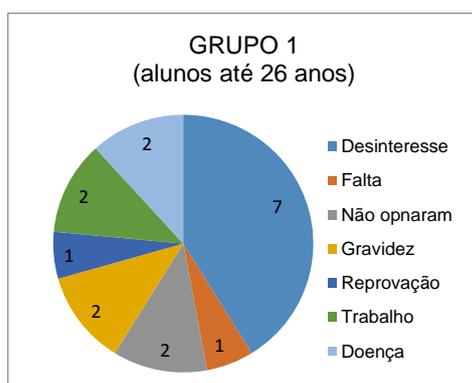
7- Quais as principais diferenças entre a educação básica regular e a EJA? Com qual você se identifica mais?



No grupo 1, os que preferem a EJA acham o ensino mais fácil, já os que preferem o ensino básico regular dizem que a EJA tem pouco conteúdo, é muito resumido, para eles o ensino comum é melhor.

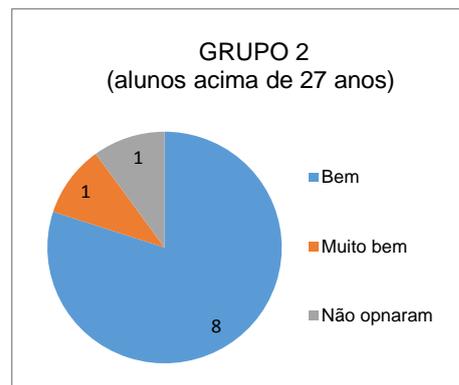
Quanto ao grupo 2, os que preferem o Ensino básico regular, acham que na educação básica você tem mais chance de aprender de verdade. Os que preferem a EJA acreditam que podem concluir os estudos mais rápido.

8- Por Que você não conseguiu completar estudos na Educação Básica Regular?



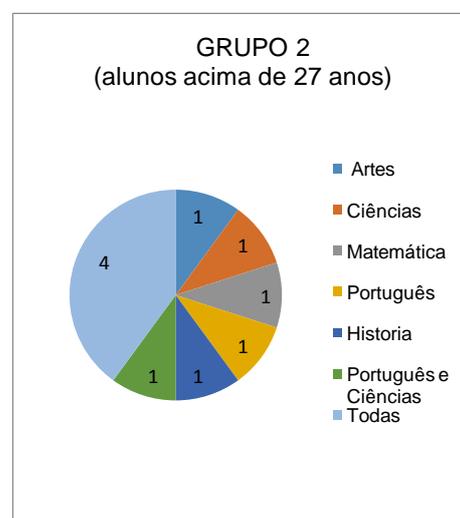
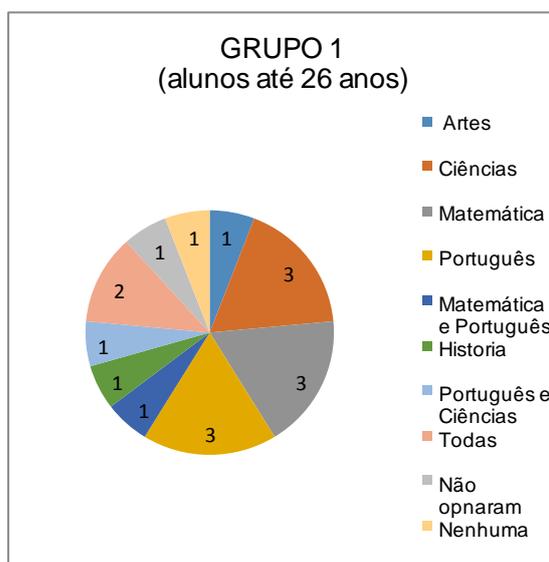
Os dados revelam que ambos os grupos devido ao desinteresse não concluíram seus estudos na Educação Básica Regular.

9- Em meio à enorme variedade de faixas etárias, como você se relaciona com seus colegas de classe?



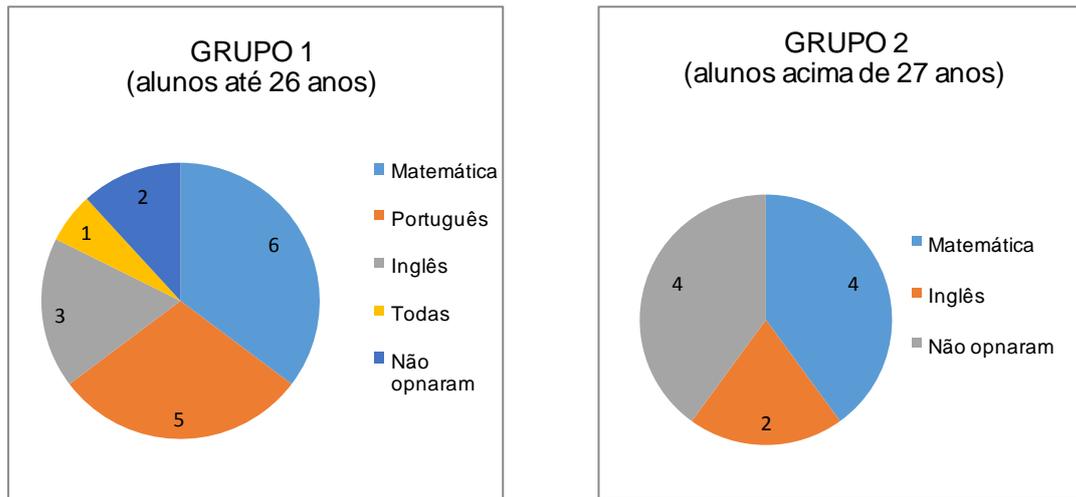
Apesar desses conflitos geracionais a relação de todos é considerada boa, pautada no respeito.

10- Qual a disciplina que mais gosta? Por quê?



Este dado mostra de maneira geral que não há uma disciplina que tenha sobressaído de maneira tão significativa em relação às demais.

11- Qual a que menos gosta? Por quê?



Neste dado a matemática é considerada pelos dois grupos a disciplina que menos gosta, evidenciado que por se tratar de uma disciplina que exige do aluno um bom raciocínio lógico e equilíbrio emocional ela exige mais interesse do aluno.

12- Ficou reprovado alguma vez?



Percebemos que a maioria do grupo 1 já reprovou pelo menos uma vez, e referente ao grupo 2 a maioria não reprovou, mas teve que parar devido a necessidade de trabalhar.

Através dos gráficos, podemos mensurar que grande parte destes adolescentes que se encontram na EJA, não estão nesta modalidade por motivos de trabalho, como anteriormente julgávamos, e sim por grandes índices de reprovação e conseqüentemente o desinteresse escolar e a exclusão dos mesmos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar, dentro do contexto escolar educacional, as motivações principais apontadas pelos alunos com relação ao seu ingresso precoce na modalidade Educação de Jovens e Adultos de uma amostra de estudantes na faixa etária entre 15 a 26 anos, de uma escola do município de Serra. Estado do Espírito Santo (ES).

A motivação surgiu do interesse pela disciplina, ao longo do nosso curso e os relatos de diversos educadores e pesquisadores sobre o rejuvenescimento da população que frequenta as turmas da EJA, tendo se tornado a modalidade referência para os adolescentes que por razões socioeconômicas e culturais que os impediram de cursar o ensino apropriado à sua idade ideal.

Uma dos fatores que concorreram para essa juvenilização foi a alteração da idade limite para ingresso na EJA, pela LDB de 18 para 15 anos para Ensino Fundamental e manteve 18 anos para o Ensino Médio.

A partir do posicionamento de diversos autores especializados no assunto, foi composto o embasamento teórico de suporte às afirmações decorrentes dos resultados da pesquisa aplicada.

Constatamos, após a tabulação das respostas ao questionário semi-estruturado, composto de perguntas fechadas, aplicado no ano de 2013, que o fenômeno Juvenilização nas salas de aula da EJA estudadas está ligado, principalmente a defasagem de idade e ao desinteresse escolar por parte dos alunos, além da busca por um caminho mais fácil e rápido.

O depoimento da Dr.^a e Pesquisadora Edna Castro de Oliveira foi de suma importância, contribuindo amplamente em nossa melhor compreensão acerca da temática:

Enquanto essa mentalidade perdurar a qualidade do ensino será a pior e os alunos vão entender que é mais fácil, e não é isso, a EJA que agente defende é uma EJA que prioriza a formação humana nas várias dimensões

da vida, do trabalho, da cultura, da formação que integra o humano na sua complexidade, por isso o tempo tem que ser revisto e não acelerado, revista para fazer uma proposta que responda as demandas dos grupos para além da escola a EJA não está restrita a escola daí educação popular entra como um dos elementos que nos ajudam a ver e pensar esse movimento.

Neste sentido, observamos que as atuais políticas públicas voltadas para a EJA ainda apresentam necessidade de melhorias, ajustes e adaptações, muito embora seja necessário destacar os avanços já conquistados ao longo do tempo.

Podemos concluir que os adolescentes, que se encontram matriculados na EJA, têm sido vítimas por décadas da falta de políticas educacionais, principalmente em relação a esta modalidade de ensino, por conseguinte, o descaso governamental tem proporcionado distorção entre idade e ano escolar. Fato que proporciona o ingresso precoce de jovens na EJA.

8 REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2º ed. São Paulo: Moderna, 1996. 255 p.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2002.
- BRASIL, PROEJA: **Documento - Base**, Brasília, Ministério da Educação, 2007. ____ Parecer CNE/CEB 11/2000 – Homologado.
- BRUNEL, Carmen. **Jovens Cada Vez Mais Jovens na Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- BRUNEL, Carmen. **Jovens no ensino supletivo: reconstituindo trajetórias**. Dissertação de Mestrado. FAGED/UFRGS. Porto Alegre, 2001.
- FERRARI, Shirley Costa; AMARAL, Suely. O aluno de EJA jovem ou adolescente? Revista ALFASOL, São Paulo, p.1-7,2005.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação** – Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire – 3ª Ed. São Paulo, Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - 21ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, nº. 14, jul. 2000, Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782000000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2013.
- HERBERT, Martin. **Convivendo Com Adolescentes**; Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn – 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2002.
- JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. **Confronto Pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL** 3º Ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1987.

KUENZER, Acacia Zeneida. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. **Educação e sociedade**, v. 20, n. 68, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a09v2068.pdf>>. Acesso em: 02 Nov. 2013.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos da Metodologia Científica**. – 59ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** – 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NO MEIO do caminho havia (muitas) pedras em Nova Escola. **Nova Escola**, Rio de Janeiro, Ed. 244, 2011. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/jovens-15-17-anos-estao-eja-639052.shtml?page=0>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR On-Line, v. 10, n. 38, 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> acessos em 20 Out. 2013.

TELECURSO. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.telecurso.org.br/historico/>>. Acesso em: 16 Dez. 2013.

ANEXOS



Dr.ª Edna Castro de Oliveira (pesquisadora da UFES na área da Educação e coordenadora do NEJA - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos).

APÊNDICE

FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA

Questionário Alunos da EJA

Idade:

Sexo:

Série:

1- Você Trabalha?

Sim

Não

2- Você tem filhos?

Sim

Não

3- Se você já estudou no ensino básico regular, marque abaixo a opção que indique melhor a razão pela escolha de continuar seus estudos na EJA:

Distância da escola.

Concluir os estudos mais rápido devido a repetência.

Risco de morte.

4- O que você acha do material usado em sala e dos recursos tecnológicos?

Bom

Ruim

Satisfatório

5- Já pensou em também desistir de estudar na EJA?

Sim

Não

Já desisti.

6- Quem te aconselhou a estudar na EJA?

Amigos

Familiares

Escola (professor, diretor, coordenador, pedagogo, etc.)

7- Quais as principais diferenças entre a educação básica regular e a EJA? Com Qual

você se identifica mais?

8- Por Que você não conseguiu completar estudos na Educação Básica Regular?

9- Em meio à enorme variedade de faixas etárias, como você se relaciona com seus colegas de classe?

10- Qual a disciplina que mais gosta? Por quê?

11- Qual a que menos gosta? Por quê?

12- Ficou reprovado alguma vez? Sim () Não () Motivo? _____

13- Em que série ? _____ Com quantos anos? _____



FACULDADE DE PEDAGOGIA COMUNITÁRIA DA SERRA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na pesquisa “NOVOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONHECENDO SUAS ESPECIFICIDADES” que consistirá em resultado do trabalho de Conclusão de Curso -TCC realizado na Faculdade de Pedagogia Comunitária da Serra- Rede de Ensino Doctum. Esta pesquisa tem como objetivos:

- Investigar, dentro do contexto escolar educacional, as principais motivações que levam alunos a ingressarem precocemente na modalidade EJA;
- Conhecer as principais motivações da procura de alunos pela EJA, na faixa etária 15 a 26 anos;
- Compreender as consequências causadas pelo fenômeno “Juvenilização”, nas salas de aula da EJA.

A coleta de dados ocorrerá por meio de observações, aplicação de questionários e entrevistas com os participantes da pesquisa. Para as entrevistas, será utilizado um roteiro de perguntas, podendo os entrevistados expor outras questões referentes ao assunto estudado. As entrevistas poderão ser audiogravadas, transcritas, e, se necessário, analisadas pelos participantes.

Você receberá uma cópia desse termo em que constará o telefone e o endereço eletrônico das pesquisadoras, podendo tirar suas dúvidas a qualquer momento sobre a pesquisa e sua participação.

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu,

_____portador
do RG _____ e CPF: _____, **declaro** que, após esclarecimentos prestados pelas pesquisadoras e ter entendido o objetivo da pesquisa, consinto, voluntariamente, em colaborar para realização desta.

Local e data: _____

Assinatura do Declarante/Telefone/e-mail

Assinatura dos alunos pesquisadores
Telefone/e-mail

